



Estudo pragmático de textos jornalísticos e publicitários¹

Caroline Govari NUNES²

Gustavo Grassiotto Simões MAFALDA³

Elias José MENGARDA⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar textos escritos, tanto em áreas jornalísticas como publicitárias, a partir do conceito e teorias que envolvem a pragmática. Nele, serão expostas as teorias que abrangem e envolvem o estudo da pragmática fazendo referência a teóricos que são de suma importância para estudo da mesma. Dentre os vários estudos que abrange a pragmática, ressalta-se no presente trabalho, os Atos de Fala, Teoria da Enunciação, as Máximas que regem a conversação, bem como analisar em textos orais e/ou escritos a ocorrência de conteúdos, implícitos e explícitos dentro dos enunciados em uma dada situação de comunicação, abrangendo o sentido real da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: pragmática; textos jornalísticos; textos publicitários.

1 INTRODUÇÃO

Pretendemos abordar neste artigo o uso da Pragmática, analisando textos e manchetes jornalísticos e publicitários. Para isso, usaremos como base as Teorias da Enunciação, dos Atos de Fala, da Atividade Verbal, o Princípio da Cooperação e demais teses que sirvam de consulta para a elaboração deste artigo.

Levando em conta os estudos relacionados à pragmática, em síntese pode-se dizer que é o estudo de como o contexto influencia a interpretação do significado. Em um enunciado, o contexto é frequentemente necessário para sua compreensão.

A pragmática denomina a linguagem como atividade. Seu objetivo visa à produção e a interpretação completa de enunciados, em situações reais de uso, buscando explicar através de seus estudos como suas produções e interpretações levam em conta, além da língua, o contexto. A partir daí, analisaremos a dimensão da pragmática e, para tal análise, utilizaremos imagens publicitárias, textos escritos e orais, entre outros que

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação. 8º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, e-mail: carolgnunes@msn.com

³ Estudante de Graduação. 7º Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, e-mail: gugagsm92@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, e-mail: eliasmengarda@yahoo.com.br



surgirão no decorrer do processo. Com isso, poderemos perceber a dimensão do emprego da pragmática não só no jornalismo, mas, também, no nosso dia-a-dia.

2 Procedimentos Metodológicos

Para realizar este trabalho, estabelecemos critérios que servirão de base para a sua construção como, por exemplo, a escolha de teorias que ajudarão a formar a ideia inicial para a análise do todo. Levaremos em conta diversas teorias linguísticas, além de, evidentemente, os componentes pragmáticos durante a análise dos textos que aparecerão no decorrer deste artigo. Conhecer os estudos de Grice, Koch, Fiorin entre outros, e compreender seus objetivos será fundamental durante o nosso processo.

Para essa análise, serão utilizados diversos materiais, tais como: manchetes de jornais, tiras humorísticas, charges, textos e propagandas encontradas na internet.

Os principais elementos da pragmática analisados serão:

- a) As dimensões dos atos de fala, buscando apontar sua dimensão locutiva, ilocutiva ou perlocutiva, de acordo com as definições de Austin.
- b) A linguagem implícita, verificando as implicaturas presentes nos textos.
- c) O emprego dos operadores argumentativos, entendendo a força argumentativa dos enunciados e para qual lado eles apontam.
- d) Índices de Polifonia e as várias vozes que aparecem num texto.

2.1 Teoria da Enunciação

É, basicamente, o ato de enunciar. Diferencia-se de uma frase pelo fato de que um enunciado vem dotado de um contexto. Seu sentido se dá a partir dele. Certos enunciados têm por finalidade a designação de um objeto ou um evento do mundo, porém referem-se a si mesmos, eles têm uma função auto referencial, ou seja, só são entendidos em função do ato de enunciar.

Koch (2000) define enunciação como um evento único e jamais repetido de produção de enunciado. Isto porque as condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são constitutivas do sentido do enunciado.

Para Bakhtin (2000), através da enunciação, a interação verbal é realizada como fenômeno social. Ele concebe a interação verbal como todas as formas de diálogo, ou



seja, atos de fala, que podem ser resumidos sob o termo discurso, seja oral ou escrito.

Ele valoriza o ato de fala, a enunciação, e afirma sua natureza social: “a fala está indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão ligadas às estruturas sociais” (Bakhtin, 1997, p. 14).

Quanto ao sistema verbal, Benveniste (Apud Koch, 2006 p. 13) observa os Planos de Enunciação, que são divididos em Plano Discurso e Plano História.

No Plano História, há um relato de eventos passados, onde não há o envolvimento do interlocutor. Este plano caracteriza-se pelo uso do pretérito perfeito simples, dos pronomes da não pessoa, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito e o futuro do pretérito.

No Plano Discurso, em um momento um indivíduo se apropria da linguagem, instaurando-se como “eu” e o outro como “tu”, ou seja, é uma enunciação que pressupõe um locutor e um interlocutor. O locutor tem a intenção de influenciar o ouvinte. O Plano Discurso caracteriza-se pelo uso do pretérito perfeito composto, do futuro do presente, pretérito imperfeito e pretérito mais que perfeito, tanto em 1ª e 2ª pessoas, como de 3ª pessoa.

2.2 Teoria dos Atos de Fala

A Teoria dos Atos de fala reflete “os diversos tipos de ações humanas que se realizam através da linguagem” (Koch, 1987, p.19). Tomando certos enunciados na forma afirmativa, ou seja, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa, Austin denomina de afirmações performativas, quando o ato de ordenar ou desculpar, por exemplo, se realiza ao enunciar determinada afirmação, levando em conta não somente o enunciado, mas também que as circunstâncias de enunciação sejam adequadas. Para distinguir os constativos dos performativos, Austin (1990) distingue três tipos de atos:

O ato locucionário que é o ato linguístico do dizer. Os atos locucionários consistem na emissão de um conjunto de sons, organizados de acordo com as regras da língua, é o ato de pronunciar-los.

O ato ilocucionário atribui a esse conjunto – conteúdo ou proposição – uma determinada força (de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa etc.). Ou seja, é o valor que se reveste um enunciado.



Os atos perlocucionários serão aqueles destinados a exercerem efeitos sobre o interlocutor, como, por exemplo, o de persuadir, assustar, incitar, agradar etc., efeitos que podem realizar-se ou não, haja vista que somente a entonação, expressões fisionômicas e as condições gerais em que o enunciado é produzido permitirão detectar a verdadeira força do ato produzido.

Em outras palavras, toma-se melhor compreendido tendo como base que o ato locucionário é o pronunciamento, o ilocucionário, o que revela a intenção de quem diz e o perlocucionário seria o efeito da produção do referido ato.

Assim, se todo o ato de fala realiza uma ação (“todo dizer é um fazer”), pode-se dizer que os performativos explícitos são fórmulas convencionalizadas para realizar algumas dessas ações e que a “performatividade” se faz presente em todo e qualquer uso da linguagem (KOCH, 2006, p 20).

Entretanto, é preciso observar que todo ato de fala é ao mesmo tempo locucionário, ilocucionário e perlocucionário, pois ao contrário não se caracteriza como um ato de fala.

Uma das maiores críticas a Teoria dos Atos de Fala é pelo fato dela ser unilateral, pois enfatiza uma análise quase que exclusiva no locutor, como se o efeito/compreensão do enunciado não necessitasse da participação do interlocutor também.

2.3 Teoria da Atividade Verbal

A Teoria da Atividade Verbal, por Vigotzky (apud Koch 2006, p 23), parte do princípio de que a linguagem é uma atividade social que tem um objetivo em si e uma finalidade. Cabe ao locutor assegurar ao seu interlocutor as condições necessárias para atingir seu objetivo fundamental, para que ele compreenda, aceite e concorde com o objetivo visado pelo locutor, demonstrando através da sua reação ou comportamento.

A contribuição de Oswald Ducrot nos problemas relacionados a conteúdos explícitos foi estabelecer uma distinção nítida entre implicaturas generalizadas e implicaturas particulares a partir de que os conteúdos transmitidos pelos atos da fala podem ser implícitos e implícitos. Estes se denominam inferências, como já mencionado anteriormente e dividem-se em Pressupostos e subentendidos.



Para que seja percebida a existência de conteúdos implícitos é preciso que sejam marcados ou no enunciado ou na situação de comunicação. Este é denominado de posto, ou seja, é o que já está dado, objetivo. Já o conteúdo implícito é denominado pressuposto, ou seja, a informação que não é abertamente posta, que é desencadeada pela formulação do enunciado, se encontrando intrinsecamente escrita, independente da situação de comunicação.

Os pressupostos devem ser verdadeiros ou, ao menos, tomados como tal. Já os explícitos são construídos sobre esses pressupostos. O uso correto é muito importante, pois é um recurso argumentativo, uma vez que leva o ouvinte/leitor aceitar certas ideias.

Os subentendidos são informações veiculadas por um determinado enunciado, cuja atualidade depende da situação de comunicação.

Distingue-se de um pressuposto por ser uma informação indiscutível, ou apresentada como tal, tanto para o falante como para o ouvinte, por decorrer necessariamente do sentido de um marcador linguístico, que é de responsabilidade do ouvinte. É construído para que o falante possa, caso necessário, apegar-se ao sentido literal das palavras, podendo negar que tenha dito algo que efetivamente quis dizer. Exemplos em que normalmente aparecem subentendidos são em alusões.

Exemplo:

(A) Você assistiu o telejornal, hoje?

(B) Não tive tempo!

Inferência: (B) não viu televisão, pois não teve tempo.

2.4 As Máximas de Grice

A contribuição de Paul Grice para a pragmática é a noção do termo implicatura e o estabelecimento do princípio geral da comunicação, o da cooperação.

Grice (1975) distingue dois tipos de implicatura: A convencional que é provocada apenas por um elemento linguístico, não precisando de elementos contextuais para ser feita. Já a implicatura conversacional, divide-se em generalizada, e depende tanto do contexto como do código ou particular, ou seja, só do contexto. Mesmo assim precisam sempre do princípio da cooperação, uma vez que, conforme Grice (1975), nossos diálogos, em parte, são esforços cooperativos, onde cada



participante reconhece neste esforço pelo menos um propósito em comum, de modo que este propósito pode fixar-se desde o início do diálogo ou evoluir durante ele.

A partir do o princípio da cooperação, Grice (1975) afirma o Princípio Cooperativo, embora tenha sido desenvolvido pensando-se apenas na linguagem oral, é igualmente aplicável na linguagem escrita. Isso pode ocorrer, uma vez que o texto escrito, igualmente como o texto falado, faz parte de uma interação (Hoey, 1986). Essa interação é contida de um autor que envia uma mensagem a um ou mais leitores. O autor conta com a participação do leitor para dar sentido ao texto e as suas aparentes contradições, uma vez que o autor da forma ao seu texto segundo as expectativas dos leitores e as intuições que o autor tem em relação a reação do leitor. A interação se dá por completa quando o leitor é capaz de preencher as lacunas do texto, contribuindo com os conhecimentos que dele são esperados.

A partir da aceitação desse princípio que aparecem as máximas greicianas, ou seja, este princípio é explicitado por meio de “sub-regras” denominadas por Grice de Máximas Conversacionais. Geram as chamadas implicaturas e divide-se como: máxima de quantidade, máxima de qualidade, máxima de relação e máxima de modo.

Caso haja infração intencional de alguma das máximas, pode-se dizer que houve uma implicatura conversacional.

Grice (1975) recebeu muitas críticas quanto suas concepções. Ser idealista, por imaginar a troca verbal como um evento harmonioso, ignorando os antagonismos, discórdias, oposições que caracterizam os atos de comunicação, mas nenhuma das críticas precede. Grice (1975) não ignora a existência de conflitos na troca verbal, entretanto mesmo quando a comunicação é conflituosa, ela opera sobre uma base de cooperação na interpretação dos enunciados.

Há alguns discursos que violam as máximas conversacionais elaboradas por Grice (1975). Pode-se citar, por exemplo, o discurso poético e irônico.

Por fim, todas as máximas procuram mostrar como o falante, na troca verbal, resolve o problema do que se deve e o que não se deve dizer, em outras palavras, é uma saída para quando o locutor “precisa proteger sua face⁵”.

⁵ A preservação de faces se dá pelo monitoramento das palavras pronunciadas durante o discurso. Ocupando a posição de falante, o locutor corre o risco de ser interrompido, e por isso, precisa controlar suas palavras e as reações dos interlocutores envolvidos no discurso. Esse procedimento é necessário para que o indivíduo não sofra objeções ou tenha um retorno negativo de sua mensagem.

3 Procedimentos de Análise de Textos na Perspectiva da Pragmática

Com algumas das principais teorias apresentadas, a partir de alguns dos principais filósofos e linguistas, têm-se, então, material para a busca de uma análise prática. Com um primeiro embasamento teórico, procura-se analisar, em textos orais e/ou escritos publicados em jornais e sites de como estas teorias aparecem na realidade.

3.1 Dimensão Ilocutiva e Perlocutiva da Enunciação

A dimensão ilocutiva realiza-se no enunciado, deixa marcas como perguntas, advertência, promessas, ameaças, entre outras, que tendem a levar o interlocutor a uma ação conforme a força ilocucionária do enunciado.

A dimensão perlocutiva é a consequência causada pela força ilocucionária do interlocutor, é a ação esperada e instigada pelo locutor.

Exemplo:



Fonte: <http://menpert.blogspot.com/2009/06/achei-no-bastarzil.html>

A dimensão ilocutiva está na ordem que o homem das cavernas dá ao outro. Porém, a dimensão perlocutiva só se concretizará se o outro homem da caverna puxar a mulher pelos cabelos, seguindo o que lhe foi dito.

3.2 Máximas conversacionais



Retomando as Máximas de Grice, item 2.4, faremos a divisão dessas Máximas:

Máxima da Quantidade: Que a sua contribuição contenha o tanto de informação exigida. Que sua contribuição não contenha mais informação do que o exigido.

Máxima da Qualidade: Que sua contribuição seja verídica. Não fale o que pensa ser falso ou o que não tem provas.

Máxima de Relevância: Fale somente o que for relevante ao assunto tratado. Seja pertinente.

Máxima de Modo: Seja claro, conciso, fale de maneira ordenada. Evite a prolixidade, a ambiguidade e a obscuridade.

Cada uma dessas máximas pode ser respeitada ou violada, responsável por inúmeros efeitos de sentido no proferimento de enunciados em linguagem verbal. Esses efeitos são chamados, no quadro da abordagem griceana, de implicaturas conversacionais.

Uma implicatura conversacional é um conteúdo que se pode inferir a partir de um enunciado — mas que não é uma conclusão necessária, como o acarretamento — em virtude da ação de uma das máximas conversacionais.

Exemplo 1:

- Que horas são?

- Está começando a novela.

Neste exemplo, há a violação da máxima de modo, pois o interlocutor ao responder, não faz de forma clara.

3.3 Dimensão Implícita da Linguagem

Quando um indivíduo, no ato de comunicação, ignora as máximas estabelecidas por Grice (1975), o interlocutor é obrigado a fazer outro tipo de decodificação da mensagem: ele precisa fazer inferências sobre o que está sendo dito. Implicatura é o conteúdo implícito contido dentro de um enunciado. Esses conteúdos se dividem em pressupostos e subentendidos, cada um marcado à sua maneira no discurso.

Os pressupostos são verificáveis pela escolha das palavras e sua organização na frase: envolve o que é dito sem ligação com o contexto. Já o subentendido se relaciona com o momento em que é dito, como é dito e porque é dito, assumindo uma função extra na comunicação entendida somente através de conhecimentos comuns entre os protagonistas do discurso.



Orecchioni (apud Fiorin, 2006, p. 181) diz que os conteúdos transmitidos pelos atos de fala podem ser implícitos ou explícitos. E é através das inferências que o interlocutor percebe os conteúdos implícitos das mensagens. A pragmática deve mostrar como se fazem inferências necessárias para chegar ao sentido dos enunciados. As informações ocultas demonstram a dimensão implícita da linguagem.

Por exemplo: - *Antônio parou de jogar*. O conteúdo implícito na frase é que Antônio não joga mais e que Antônio, antes, jogava. Podemos encontrar a dimensão implícita da linguagem também em textos jornalísticos e publicitários.

3.3.1 Dimensão implícita da linguagem em textos publicitários

A dimensão implícita da linguagem em textos publicitários serve para despertar a curiosidade do interlocutor, fazer com que ele se interesse pelo produto, instigando-o ao consumo. Vejamos alguns exemplos de anúncios publicitários que evidenciam a dimensão implícita da linguagem.

Exemplo 1:



Fonte: www.belasartes.br/portfolio/leo_cavakcante/

Neste anúncio, podemos perceber que a intenção da marca é dizer, em outras palavras, que Red Bull te deixará com muita energia.



Exemplo 2:



Fonte: <http://sinoscar.com.br>

O apelo deste anúncio está na implicatura de que quem comprar este carro da Chevrolet poderá andar numa velocidade maior e em qualquer lugar, até em estradas com barro, pois ele é muito potente.

3.4 Dimensão Implícita da Linguagem em Textos Jornalísticos

A dimensão implícita da linguagem, em textos e manchetes jornalísticas, serve para deixar os leitores curiosos e instigá-los à interpretação das notícias.

A seguir, veja os exemplos:

- a) “Obras deverão ser concluídas até o final de junho” (Fonte: **Jornal O Alto Uruguai, 07/01/13**)

Implicatura: As obras já estavam em andamento e só agora deram previsão de término.

- b) “Número de adoções caninas aumentam no município” (Fonte: **Jornal O Alto Uruguai, 07/01/13**)



Implicatura: As pessoas já adotavam cachorros de rua, mas agora este número se elevou.

- c) “Chuvas diminuem nesta quinta-feira no Estado. Previsão é de tempo mais seco, com sol entre nuvens.” (**Fonte: Twitter Zero Hora, 17/02/13**)

Implicatura: Até quinta-feira, estava chovendo no Estado.

3.5 Escala e Classe Argumentativa

Ducrot (apud Koch 2006, p. 30) criou o termo “operadores argumentativos” para designar os elementos da língua que servem para indicar a força argumentativa dos enunciados. Estes operadores argumentativos servem para introduzir diferenciados argumentos. São elementos da língua presentes na estrutura gramatical da frase cuja finalidade é indicar quão argumentativo é um enunciado. Quando presentes no enunciado, introduzem nele conteúdos semânticos adicionais, onde sem a presença deles, não existiriam. Funcionam como operadores argumentativos os conectivos, advérbios e outras palavras que não se enquadram nas categorias gramaticais.

Para explicar seu funcionamento, Ducrot (1981, p. 180) utiliza duas noções básicas: a de classe argumentativa, quando um conjunto de enunciados podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão e a escala argumentativa. É quando dois ou mais enunciados de uma mesma classe se apresentam numa gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão.

Além dos operadores argumentativos, há conteúdos que ficam à margem da discussão, chamados de pressupostos, e as marcas que os introduzem são conhecidos como marcadores de pressuposição. Alguns elementos introdutórios de pressupostos são: Verbos que indicam mudança ou permanência de estado, verbos “factivos”, conectores circunstanciais.

No entanto, àqueles que não se apresentam com algum tipo de marca lingüística, classificam-se, por vezes, como subentendidos, ou ainda simplesmente como inferências. Os principais tipos de operadores argumentativos são: até, mesmo, até mesmo, inclusive, e, também, ainda, nem, não, só, mas também, tanto, como, além de, além disso, a par de, portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente, ou, ou então, quer, seja, porque, já que, que, pois, mas, embora.

Abaixo, alguns exemplos de operadores argumentativos em textos jornalísticos:



a) “No momento da abordagem ele tentou se suicidar, **mas** a arma não disparou.”

(Fonte: **Twitter Zero Hora, 08/01/13**)

Neste exemplo, o operador argumentativo **mas** mostra que o garoto não conseguiu cometer o suicídio.

b) “Eu queria ver os Raimundos, **mas** não vou aguentar” (Fonte: **Twitter G1 Pop e Arte, 16/12/12**)

Aqui, o **mas** assinala que, mesmo querendo assistir ao show, a garota não ficaria para assisti-lo.

c) “**Além** da overdose de drogas, a necropsia no corpo de Gray indicou que ele apresentava problemas cardíacos significativos.” (Fonte: **Twitter G1 Pop e Arte, 21/12/12**)

O **além** opera somando argumentos a favor de uma mesma conclusão.

3.6 Índices de polifonia

Bakhtin (2000) já dizia que polifonia (dialogismo) é um elemento constitutivo de qualquer ato de linguagem. Faz-se presente em qualquer tipo de texto e não só naqueles classificados como argumentativos. Para Bakhtin, a citação é o modo mais evidente de se representar o discurso do outro, embora haja inúmeras formas de manifestação do jogo polifônico.

Maingueneau (2008) falava que o discurso só passa a adquirir sentido dentro de um universo de outros sentidos onde a leitura/interpretação de um texto depende da relação que se estabelece deste com outros textos que estão na base de sua construção.

A partir deste pensamento, a heterogeneidade pode ser vista de duas formas dentro de um texto, dependendo de como se materializa a presença de outros. A heterogeneidade constitutiva está na base de qualquer discurso, é o caráter polifônico propriamente dito. Um discurso é sempre um fruto de uma memória discursiva do enunciador, são seus conhecimentos prévios, adquiridos em sua história de vida por meio de outros discursos que permite a elaboração de um discurso ao mesmo tempo seu e de outra pessoa. A heterogeneidade mostrada é a parte visível da presença de um texto em outro.



A polifonia é uma essência no texto jornalístico, caracteriza-se com já dito, pela inserção da fala de outro, que pode aparecer como uma citação, ou seja, pelo discurso direto ou o discurso relatado (índireto).

Algumas das formas linguísticas que funcionam com índices de polifonia são determinados operadores polifônicos, os marcadores de pressuposição, e o uso de aspas, modo mais simples de se manter distância do que se diz em um texto. São também explicáveis em termos de polifonia, muitos fenômenos como, por exemplo, a intertextualidade, a ironia, entre outros. A seguir, veja os exemplos:

Exemplo 1

"A situação aqui é muito grave" - diz bombeiro que ajuda no resgate de famílias da Zona Sul.

(ZH:[http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Ger
al&newsID=a2951541.xml](http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Geral&newsID=a2951541.xml))

Exemplo 2

Ao fim do show, o guitarrista da banda, Martim Mendonça, contou ao **G1** que a princípio o horário assustou a banda. “Não sabíamos se deveríamos passar a noite na balada - o que podia comprometer a apresentação - ou acordávamos para vir direto para cá”. (G1: [http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/de-pijama-e-oculos-escuros-
pitty-empolga-resistentes-da-virada.html](http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/de-pijama-e-oculos-escuros-pitty-empolga-resistentes-da-virada.html))

4 Considerações Finais

Com base nas teorias dos principais linguistas e estudiosos do ramo da pragmática, foi possível obter a reflexão sobre alguns dos vários estudos que abrange que a Língua Portuguesa.

Atos de mandar, ordenar, desculpar, tão rotineiros na vida dos seres humanos, são estudados por Austin na teoria dos Atos de Fala, estudo de como se dá o ato do dizer ou então os efeitos que exercem sobre o interlocutor. As máximas de Grice servem basicamente para “proteger a face” do interlocutor.

A partir dos estudos da pragmática, tivemos uma melhor conceituação do termo implicatura, que se dá nas relações entre sujeito/linguagem/sujeito, onde direta ou indiretamente fazem parte do cotidiano das pessoas através de expressões e estruturas frasais que manifestam opiniões, divergências de ideias, etc.



Enfim, com o embasamento teórico, primeiramente explicitado neste presente artigo e depois análise na prática de textos orais e/ou escritos, chega-se a conclusão do significativo valor e necessidade que o estudo da pragmática tem para obtermos um correto entendimento das relações que ocorrem nas devidas situações de comunicação que acontecem no dia-a-dia.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. Ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- DUCROT, O. **Provar e dizer**. São Paulo: Global editora, 1981.
- FIORIN, J. L. (Org). **Introdução à linguística**. São Pauto: Contexto, 2006.
- GRICE, H. P. **Logic and Conversation**. Nova Iorque: Academic Press, 1975.
- HOEY, M. **On the surface of discourse**. Londres: George Allen & Unwin, 1983.
- KOCH, I. G. V. **A interação pela linguagem**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- Confiança que leva mais longe. **Rede Sinoscar**. Disponível em: <<http://sinoscar.com.br>>. Acesso em: 20 out. 2010.
- O portal de notícias da Globo. **Twitter G1 Pop e Arte**. Disponível em: <<http://twitter.com/g1poparte>> Acesso em: dez. 2012.
- Ao Vivo ZH. **Twitter Zero Hora**. Disponível em: <<https://twitter.com/zerohora>> Acesso em: dez. 2012.



Ensino com personalidade. **Belas artes**. Disponível em:
<www.belasartes.br/portfolio/leo_cavakcante/> Acesso em 23 dez. 2012.

Mentes perturbadas. **Bastarzil**. Disponível em: <<http://menpert.blogspot.com/2009/06/achei-no-bastarzil.html>>. Acesso em: 25 dez. 2012

Jornal O Alto Uruguai. Frederico Westphalen, 07 de janeiro de 2013, p. 2.

Jornal O Alto Uruguai. Frederico Westphalen, 07 de janeiro de 2013, p. 10.